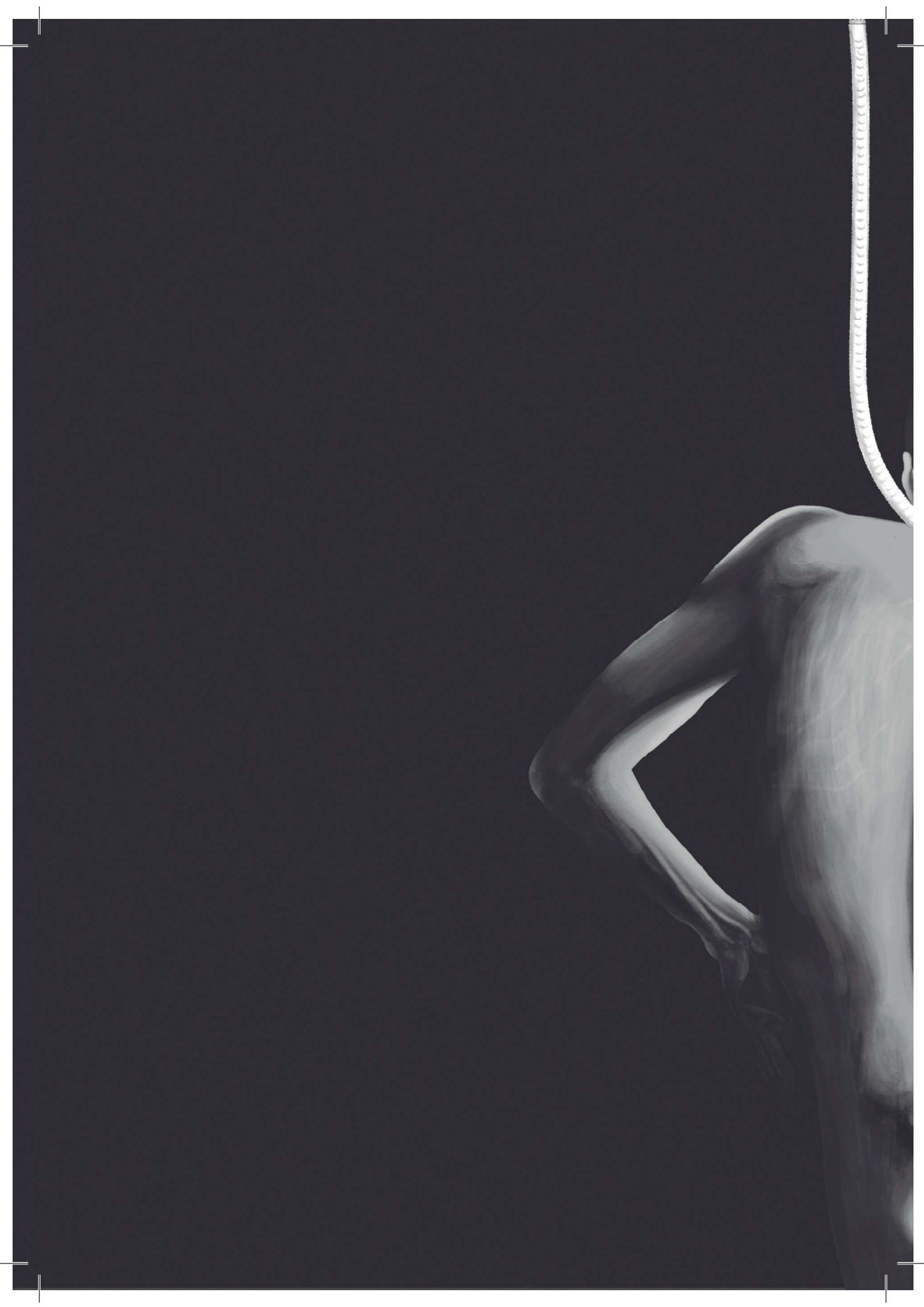


METAFÍSICAS SEXUAIS

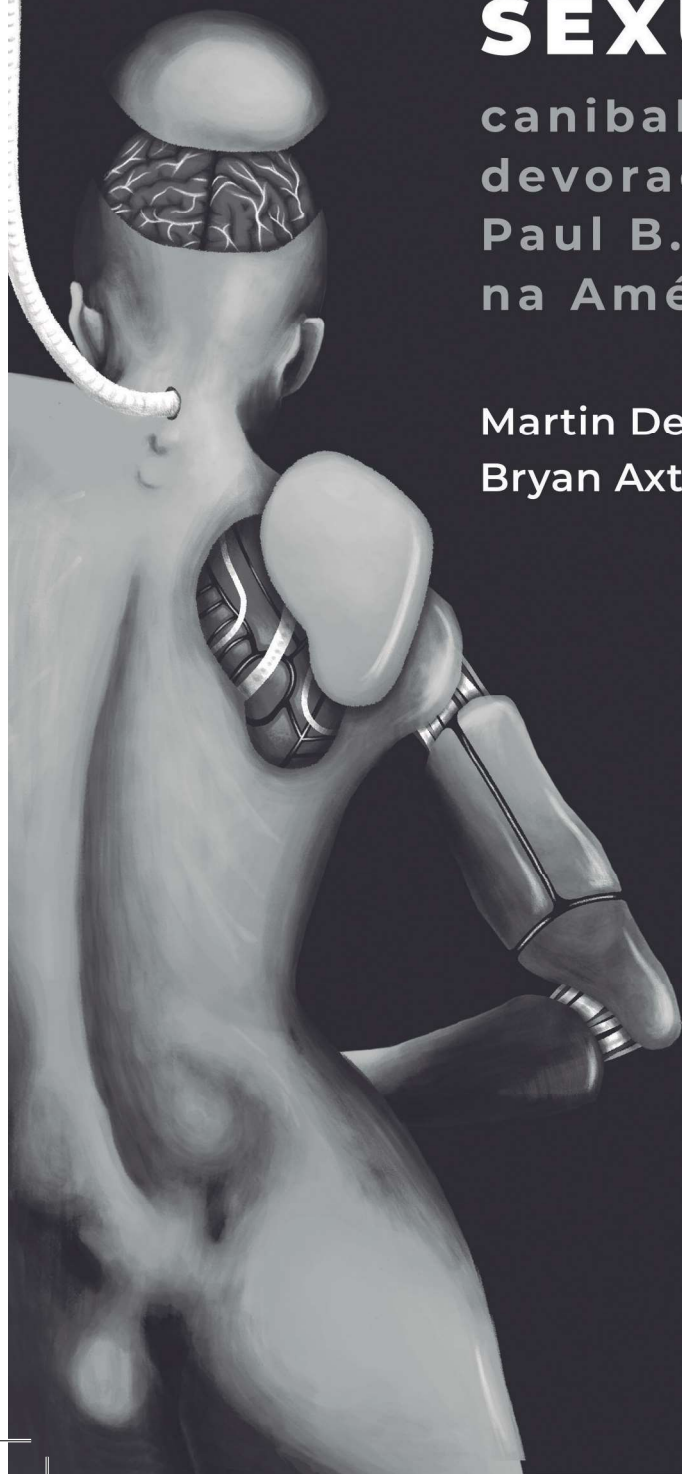
**canibalismo e
devoração de
Paul B. Preciado
na América Latina**



METAFÍSICAS SEXUAIS

canibalismo e
devoração de
Paul B. Preciado
na América Latina

Martin De Mauro Rucovsky
Bryan Axt



editora
DEVIRES

METAFÍSICAS SEXUAIS

CANIBALISMO E DEVORAÇÃO DE PAUL B. PRECIADO NA AMÉRICA LATINA

Martin De Mauro Rucovsky e Bryan Axt

Primeira publicação: Editorial Egales - Madrid/Barcelona (2021)

Editor: Gilmaro Nogueira
Diagramação: Daniel Rebouças
Capa: Gustavo Barrionuevo

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB	Prof. Dr. Leandro Colling Universidade Federal da Bahia – UFBA
Prof. Dr. Djalma Thürler Universidade Federal da Bahia – UFBA	Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
Profa. Dra. Fran Demétrio Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB	Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Prof. Dr. Helder Thiago Maia USP - Universidade de São Paulo	Prof. Dr. Marcio Caetano Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Prof. Dr. Hilan Bensusan Universidade de Brasília - UNB	Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ	Dr. Pablo Pérez Navarro Universidade de Coimbra - CES/Portugal e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil
Profa. Dra. Joana Azevedo Lima Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa	Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Prof. Dr. João Manuel de Oliveira CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa	
Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa Universidade Estadual da Paraíba – UEPB	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M911 Metafísicas sexuais : canibalismo e devoração de Paul
1.ed. B. Preciado na América Latina / organizadores
 Martin de Mauro Rucovsky, Bryan Axt. – 1.ed. –
 Salvador, BA : Devires, 2022.
 304 p.; 16 x 23 cm.

Bibliografia.

ISBN : 978-65-86481-66-2

1. Ciências sociais. I. Rucovsky, Martin de Mauro.
II. Axt, Bryan.

03-2022/49

CDD 300

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.

 Editora
DEVIRES

Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA
www.editoradevires.com.br

AGRADECIMENTOS

Por uma parte, este trabalho foi realizado em um marco institucional específico, a *Universidad Nacional de Córdoba*, Argentina, que é herdeira de uma tradição de debate público e comum, de um legado laico, crítico, emancipador e reformista. Gratidão a essa herança, às companheiras trans Laura Pilleri (A Condessa) e Maite Amaya, à equipe de pesquisa "*Emociones, temporalidades, imágenes: hacia una crítica de la sensibilidad neoliberal*", ao grupo instalado no Facebook "Paul B. Preciado (Brasil)" e ao grupo *Sexualidades Doctas*, aos espectros sul-americanos que ainda nos assombam em busca por Justiça erótica.

Por outra, em um marco holístico, este trabalho se tangibilizou em um presente em que agradecemos à Terra e ao Ar (mesmo frio) que podemos respirar. Somos gratos pelas forças que podemos mobilizar, inter e intrapessoais, que nos impulsionam adiante, garantindo a não-renúncia à ação, mesmo quando deixa de haver sentido no horizonte. Gratidão a todxs aquelxs que integram a muito importante coletividade virtual, multiconectada de entes queridxs e amigxs, que não nos permitem cair em solitude mesmo em face ao isolamento; a todxs aquelxs que amamos e nos amam; e àquelxs que hoje guardamos em nossos corações e memórias.



SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA, POR LEANDRO COLLING	9
PREFÁCIO À EDIÇÃO CASTELHANA, POR SAYAK VALENCIA	13
INTRODUÇÃO: A LIBERDADE É UM MÚSCULO A EXERCITAR - MAITE AMAYA	17

COSMOPOLÍTICAS SEXUAIS DE NOSSAMÉRICA

1 MANIFESTO TRAVECO-TERRORISTA <i>TERTULIANA LUSTOSA</i>	27
2 DAS TRINCHEIRAS DA INTELIGIBILIDADE - RELATO DUMA GUERRILHEIRA TRAVESTI SUDAKA <i>INAÊ DIANA ASHOKASUNDARI SHRAYYA</i>	41

ARQUIVOLOGIAS SUDACAS, PORNOLOGIAS E RESISTÊNCIAS HOMEOPÁTICAS

3 OS MATERIALISMOS DE PRECIADO: BIODRAG E CAPITALISMO <i>FACUNDO NAHUEL MARTÍN</i>	47
4 DIZENDO ADEUS AO LGBT E AO QUEER: RUMO AO COMUNISMO SOMÁTICO <i>ALEXIS K. SANTOS</i>	63
5 VIOLÊNCIA DE PAPEL E O PAPEL DA VIOLÊNCIA NA REPRODUÇÃO DE GÊNERO <i>MABEL ALICIA CAMPAGNOLI</i>	75
6 A E-MATERIALIDADE DO CORPO E SUA FORÇA ORGÁSMICA: O SEXO VIRTUAL COMO PARADIGMA DO MODO DE PRODUÇÃO-CONSUMO DO CAPITALISMO PÓS-INDUSTRIAL <i>DANILO PATZDORF</i>	91

O ARQUIVO SOMATOPOLÍTICO DAS ÍNDIAS: AUTOCOBAIAS DE YAGÉ E CHACRUNA

7 QUEER CODES <i>FELIPE RIVAS SAN MARTÍN</i>	109
8 AS MAÇÃS DE SODOMA <i>DUEN SACCHI</i>	135
9 BIXAS EM UM CENÁRIO PÓS-GAY <i>EMMANUEL THEUMER</i> <i>MARCO CHIVALÁN CARRILLO</i>	147

OS MOVIMENTOS ABERRANTES OU SOBRE A MÁQUINA CALIBÃ DE POMBA GIRA

10 PRECIADO NA ARGENTINA - NOTAS PARA UMA RECEPÇÃO <i>JULIETA MASSACESE</i>	165
11 COMO ESCREVER SOBRE CONTRASSEXUALIDADE A PARTIR DE UMA MARGEM QUE ESTÁ COM FOME? IMPLICAÇÕES ATIVISTAS DO TRABALHO DE PAUL B. PRECIADO NO DESERTO NEOLIBERAL DO CHILE <i>CRISTEVA CABELLO</i> <i>JORGE DÍAZ</i>	185
12 MASTURBAÇÃO, CANDIDÍASE E PANDEMIA EM TEMPOS DE ANTI-CAPITALISMO <i>LÚISA TAPAJÓS</i>	201
13 COMO DE-FENDER-SE NUM BURACO, EM COURO E NO CU (DO MUNDO)? LEITURAS IMPERTINENTES E TESUDAS <i>MARIE BARDET</i>	211

ESTATUTO DAS MULTIPLICIDADES SEXUAIS LATINO-AMERICANAS

14 DIGRESSÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA QUEER	229
<i>CADU OLIVEIRA</i> <i>EDUARDO FARIA SANTOS</i>	
15 ANALÍTICA TRANSVIADA	257
<i>SILVIO LANG</i> <i>RODRIGX ROCCA</i>	
16 PROTUBERÂNCIAS ARQUITETÔNICAS E ESPAÇOS TENTACULARES DO PRAZER SEXUAL	269
<i>FRANCISCO HERNÁNDEZ GALVÁN</i>	
17 PAUL B. PRECIADO E O PÓS-PORNÔ	285
<i>JAVIER GASPARRI</i>	
APÊNDICE.SUPLEMENTO	299

**PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA,
POR LEANDRO COLLING**





PRECIADO, DEVORADO E CRITICADO

T.S. Eliot, ao escrever o prefácio do livro *No bosque da noite*, de Djuna Barnes, publicado em 1936, disse que “os poucos livros que valem a pena de se apresentar são exatamente aqueles que é uma impertinência apresentar”. Ele estava se referindo aos livros de ficção, chamados de “livros de ordem criativa”, e justificava a impertinência porque em algumas raras obras a apresentação pode antecipar o que a pessoa leitora deveria perceber por si mesma no decorrer de sua leitura íntima com o livro. Pois aviso desde já que vou cometer um certo tipo de impertinência.

Ainda que o livro *Metafísicas sexuais - canibalismo e devoração de Paul B. Preciado na América Latina*, organizado por Martin De Mauro Rucovsky e Bryan Axt, não seja exatamente de ficção, a sua “ordem criativa” é evidente e o que se percebe no decorrer de uma leitura muito atenta é o seguinte: como o título já antecipa, não se trata de um livro apenas sobre o pensamento de Preciado, mas de como suas obras foram devoradas na América Latina (não em toda, pois o foco reside especialmente na Argentina). No entanto, a leitura atenta me permitiu perceber algo além de canibalismo e devoração. Preciado, aqui, passou por um processo de crítica e decolonização *sudaka* e, por isso, o Preciado que lemos aqui se transformou em algo muito mais interessante que o espanhol. E isso me fez ter a certeza de algo que eu intuía e já havia comentado com colegas próximos: o *queer* da primeira leva, por aqui, acabou. O *cuir* que estamos produzindo nos últimos anos é um *cuir* decolonial ou talvez *deCUlonial* fortemente influenciado pelas produções e movimentos étnico-raciais e realidades locais, portanto, fortemente interseccional. Os 17 textos aqui reunidos, penso eu, deixam isso muito nítido. Elenco a seguir alguns dos textos que mais produziram em mim essa percepção.

Tertuliana Lustosa já abre o livro com esse tom, ao propor um manifesto travecto-terrorista distinto do manifesto contrassexual de Preciado, seguido por Inaê Diana Ashokasundari Shrivya e seu relato de uma guerrilheira travesti *sudaka*. Mabel Alicia Campagnoli, mais adiante, segue no mesmo fluxo apontando as diferenças e aproximações entre Preciado e Sayak Valencia, do México. Duen Sacchi defende que antes do *queer/cuir* já éramos compostos por múltiplos órgãos, próteses e sexos nas comunidades da Abya Yala. Emmanuel Theumer e Marco Chivalán Carrillo, em um dos meus textos preferidos da coletânea, pensam sobre como a era farmacopornográfica incidiu sobre a identidade gay branca e como os coletivos da América Latina resistiram a essas normatividades, a exemplo do Maricas Bolívia e Sudor Marikas. Julieta Massacese analisa como ocorreu a recepção da obra de Preciado na Argentina, inclusive sobre as críticas que recebeu de diversas pessoas. O mesmo objetivo foi o de Cristeva Cabello e Jorge Díaz, desta vez no Chile, com enfoque maior no campo

do ativismo. Ambos analisam como a inicial rejeição aos poucos se transformou em uma assimilação igualmente problemática. Em seguida, Luísa Tapajós faz uma leitura *sudaka* da obra de Preciado em tempos de pandemia e Marie Bardet escreveu um texto instigante que envolve a produção de conceitos nas cozinhas em França e Argentina. Um pouco adiante, Silvio Lang e Rodrigx Rocca propõe uma analítica transviada em diálogo com Preciado.

Os demais textos da coletânea também estão imbuídos da mesma proposta, ainda que com estratégias um pouco distintas. Alguns deles, como os de Facundo Nahuel Martín e Alexis K. Santos se concentram em analisar mais as obras de Preciado em suas fases e influências. Outros textos, como o de Felipe Rivas San Martín, ainda que sequer cite Preciado, pensa com suas reflexões em torno da arte e as variações da tecnologia sobre gênero e sexualidade. Francisco Hernández Galvan se interessa por aquele Preciado que pensa a arquitetura para refletir sobre espaços/cinemas usados para práticas sexuais, Danilo Patzdorf parte de como Preciado pensou corpo, sexualidade capitalismo para pensar sobre o sexo online e Javier Gaspari fecha o livro sobre Preciado e o pós-pornô.

A participação de brasileiros/as/es na coletânea conta com Tertuliana, Inaê, Luísa e Danilo, além de um diálogo entre Cadu Oliveira e Eduardo Farias Santos em torno da recepção do *queer* no Brasil e a discussão em torno das políticas identitárias e pós-identitárias. É preciso festejar a tentativa de aproximar mais as produções brasileiras das dos demais países da América Latina. No entanto, fica mais uma vez nítido que um longo trabalho ainda precisa ser feito nesse sentido. Por exemplo: vários dos textos aqui reunidos criticam a hierarquia entre produção do Norte/Sul, mas também fica evidente que a própria produção acadêmica e ativista do Sul ainda se lê e se conhece pouco. O processo de decolonização *cuir* ainda tem muito chão pela frente. Sigamos!

Leandro Colling
Salvador, Bahia, Brasil
10 de janeiro de 2022

**PREFÁCIO À EDIÇÃO CASTELHANA,
POR SAYAK VALENCIA**





EXUBERÂNCIA INSUPORTÁVEL

NOTAS PARA UM PREFÁCIO INTERMITENTEMENTE POSTERGADO

Começo escrevendo que este é um livro improrrogável e “imprefaciável”. Não necessita deste prefácio para sacudir e canibalizar os textos de Preciado; de fato, considero que este prefácio atrapalha ao livro e, mais ainda, me atrevo a dizer que este livro não necessita dos textos de Preciado para existir. No entanto, escrevo esse prefácio sem pretender que seja uma introdução e tampouco um roteiro, mas como um texto tardio que aprendeu e gozou desse festim canibal.

Essas letras são como uma espécie de testemunho-cobaia, no qual ressalto o que pode se passar aos leitorxs ao lê-lo. A mim, como leitorx privilegiadx por ter acesso às suas palavras antes de serem publicadas, me explodiu a mente e também me deu uma casa. Uma casa feita de palavras raras. Uma casa de linguagem, ou melhor, uma casa para a exuberância linguística minoritária com a que vivemos, sonhamos, resistimos, fodemos e transformamos as normas sexuais, raciais, filiais, intelectuais, corporais a partir de nossas geopolíticas sudakas e talvez possam se perguntar a razão de abraçar o sintagma SUDAKA se escrevo a partir de Tijuana: a fronteira mais ao norte da América Latina.

Efetivamente escrevo estas linhas a partir desta fronteira SUDAKA porque aqui começa o Sul, não o Norte, porque minhas letras se escrevem a partir deste território e ficção política que Gloria Anzaldúa chamava “ferida aberta”, a qual alimenta com seu sangue o pacto colonial intermitente no qual sobrevivemos. Então, escrevo a partir de um território canibal, uma cidade tão neoliberal quanto apocalíptica e, ao mesmo tempo, um espelho para nosso passado e presente coloniais intermitentes.

Digo, então, que este prefácio é uma forma de me auto convidar a este festim canibal que também poderia chamar-se “exuberância insuportável”. E estas duas palavras não são gratuitas. São referência às palavras textuais de Preciado quando, em uma festa em janeiro de 2010, sob o marco do encerramento de um seminário por ele ministrado – e após vários dias de conversações e intercâmbios críticos e frenéticos, nos quais eu não deixava de o interpelar sobre a necessidade de citar as suas referências do Sul, racializadas (sobretudo feministas do terceiro mundo estadunidense: chicanas, afro-americanas e asiáticas, mas também do Cone Sul) e que desfilavam em suas palavras, mas que não apareciam nomeadas – me disse em tom brincalhão e incrédulo: “não posso com a tua exuberância”, ao qual eu respondi: “você não tem que poder”.

Passou mais de uma década desde essa conversa e hoje este livro me diz por que os discursos do Norte não podem com nossa exuberância. Me diz também que, do mesmo modo que eu naquele momento, xs autorxs deste livro não pedem permissão

e se afirmam em suas dissidências, que não precisam ser inteligíveis ou legitimadas pelo poder da racionalidade sexopolítica do Ocidente e suas línguas.

Entro neste livro como se entra no mar: com vertigem, gozo e expectativa. Eu entro e me submerjo. Aprendo e desaprendo línguas e experiências. Algumas de suas frases ficaram aqui dentro, comigo, como estilhaços ou fragmentos de vento sussurrante. De autorxs que têm e não têm uma linguagem comum. Como eu, eles têm e não têm uma casa no edifício epistemológico da razão ocidental. Têm casa porque sabem falar essa língua dominante; e não têm porque, para enunciar o que nos acontece cotidianamente em nossos corpos-territórios-afetos suleados, não há casa possível. Assim, nós inventamos as palavras e fazemos da nossa casa uma tenda, isto é, algo que vá conosco onde quer que as necessidades nos arrastem.

Este livro consegue fazer desfilar uma panacústica de sotaques e matizes. É capaz de escrever em outros termos mais adequados ao presente, mas sobretudo, de resgatar as genealogias das lutas e desobediências através de uma resistência lo(u)ca(l) exuberante. Ou seja, insuportável para as línguas brancas e para as regras da linguagem.

Cumpra com o que Diamela Eltit já anunciava há décadas sobre como deveria ser uma obra: “quero escrever uma obra sudaca, terrível e modesta”. Não apenas canibaliza os textos de Preciado, mas os metaboliza, faz uma compostagem prática e discursiva das reflexões mais sisudas sobre o farmacopoder, pós-pornô, sobre as metafísicas sexuais e os dispositivos de enunciação conceitual mais afiados das academias, mas também situa as perguntas imperdoáveis: aquelas que se questionam sisudas e extenuadas pelas condições materiais e as disposições dos corpos e sujeitos sexuais com relação a elas. Como escrever sobre estes temas tão importantes quando se habita em um lugar cheio de fome?

Este livro, aliás, a multiplicidade de mãos, linguagens e afetos que o constroem, não se intimida ao romper com ferocidade o barro dos pés dxs ídolxs acadêmicxs que seguem nos usando como matéria-prima ou “testemunhos” em seus *papers* acadêmicos que serão publicados nas editoras do Norte Global. Enquanto “a matéria-prima”, “os informantes”, seguem sobrevivendo ou evitando a aniquilação nos bairros periféricos em que cresceram e que, quando se é habitante deles, não se têm o mesmo halo poético que aparece nas letras daqueles que gostam de ganhar fama ou o dinheiro da pornomiséria.

Enfim, a emoção que a leitura desses textos me produz é muito grande e bastante inefável. Concluo dizendo que este livro grita como um todo: chega de falhas, chega de falos, de *via crucis* e de feridas no meio da boca.

Sayak Valencia
Tijuana, B.C, México
09 de setembro de 2021

Tradução de Bryan Axt

INTRODUÇÃO

A LIBERDADE É UM MÚSCULO A EXERCITAR - MAITE AMAYA

*Mientras tanto éramos indias pintadas
para la guerra, bestias preparadas para cazar en la noche
a los incautos en las fauces del Parque, siempre enojadas,
brutas incluso para la ternura,
imprevisibles, locas, resentidas, venenosas.
Las ganas perpetuas de prender fuego todo:
a nuestros padres, a nuestros amigos, a los enemigos,
las casas de la clase media con sus comodidades y rutinas,
a los nenes bien todos parecidos entre sí,
a las viejas chupacirios que tanto nos despreciaban,
a nuestras más caras chorreantes,
a nuestra bronca pintada en la piel
contra ese mundo que se hacía el desentendido*

- Camila Sosa Villada - *Las malas* (2019).

El pueblo no sabe que se puede cambiar de sexo

- Osvaldo Lamborghini - *Tadeys* (1983).

Uma anatomia maleável; órgãos que se expandem e se contraem; um fluxo químico de hormônios sintéticos e hormônios de frango; a circulação de fluidos sexuais em laboratórios e em fármacos; camisinhas químicas que funcionam sem látex são distribuídas pelo Ministério da Saúde brasileiro; camisinhas farmacológicas (Truvada) que produzem uma profilaxia precoce à transmissão do vírus do HIV; intoxicação por agroquímicos e pesticidas; ervas e seus usos tecnomágicos; corpos expulsos de suas comunidades; povos inteiros exilados e em diáspora (*διασπορά*, isto é, “dispersão”); trabalhadorxs sexuais, putas e michês que se organizam em sindicatos e associações; *clicks* que fazem vibrar dildos através de páginas *web*, online e multiconectadas; dedos que deslizam por telas de celulares *smartphones* e que selecionam imagens de torsos e genitais; um limbo digital de aplicativos e relações afetivas 3.0; a excitação e a frustração corporal em uma e mil telas. São dessas coisas, desses materiais que estão feitos os corpos contemporâneos? Qual é o cheiro de nossos corpos? Como percebemos nossos sexos e de que estão compostos?

Uma sexualidade exposta como ferida aberta, uma matéria viscosa e densa codificada na epiderme (uma palavra tão obscenamente clínica, *epiderme*, para se referir à pele... Por que não “pele”? Por que não couro?). Uma criança recém-nascida

é inscrita com gênero neutro em Minas Gerais (Brasil) e, mais ao sul, em Mendoza (Argentina) duas pessoas são registradas com documentos sem sexo, de modo que, é sequer possível pensar uma sexualidade situada nos extramuros biomédicos? Como se produzem as transformações e deslocamentos na ecologia sexual dxs sujeitxs?

Desocupadxs, errantes e precarizadxs, imigrantes senegaleses que se inventam trabalhos e ocupações, vendedorxs ambulantes e autogerenciadxs, precarizadxs sexuais, temporários e estacionários, párias urbanos que capitalizam suas vidas, fumadores de crack ou de paco que caminham por alguma rua de São Paulo ou de Buenos Aires, venezuelanxs, bolivianxs, exiladxs, afrodescendentes, mapuches, guaranis, aymaras e tantos outrxs povos e nações que são produzidos como signos de ameaça terrorista, vigilância e punição. Dessas texturas sensíveis se compõem nossos corpos sexuados e nossas subjetividades hoje? Quais são as representações da sexualidade que circulam por dispositivos e novas tecnologias brandas, biomoleculares e digitais? Como se produzem os corpos sexuais na diáspora e no exílio, em um território dizimado, em uma geografia que é sempre outra?

Seguramos em nossas mãos um objeto frágil, que não é mais como o computador, mas sim um conjunto de nanotecnologias como os *smartphones* e que, cuja ordem corporal, talvez, está limitada a um toque suave na iridescência da tela. Ou, ainda, talvez se trate de uma incorporação biotecnológica dessas redes em nossos corpos, isto é, das novas sociabilidades sexuadas na matéria viscosa de nossos corpos. A consciência de silício de nossos dispositivos se expandiu até converter-se na atmosfera pixelada que respiramos. E embora seja verdade que os algoritmos se converteram em governos paralelos, as nossas práticas de dissidência são curtos-circuitos que escapam aos pontos geolocalizados e nós de dados, da mesma forma que do coração dos servidores do Google ou do Facebook eles nos estão narrado, ou sob o olhar forense do olho que tudo, a partir de um satélite ou mesmo do GPS do Google Maps.

No plano geopolítico, enquanto isso, duas línguas se consumam em um movimento *sudaka* que desemboca em um campo de batalha: uma é patriarcal, militarizada e financeira, uma língua branca, áspera e cruel, que produz linguagens de ódio e da tortura que fazem da captura do útero uma zona de marcação paradigmática. Fala negacionista das mudanças climáticas, da acelerada destruição das florestas, da Amazônia e dos sistemas de proteção ambiental. As múltiplas línguas do exílio, da expulsão de comunidades e da diáspora sobre aqueles corpos que não encarnam a norma de sexo genérica e colonial. Uma linguagem de morte, com um odor pútrido de cadáveres. Uma fala messiânica que amplifica seu verbo repressivo enquanto essa vulgata transcendental, racista e falocrática, como bem registra Diego Valeriano:

Mueran por coger, ahora, en este momento, por abrir las piernas, por querer gozar, por acabar jugoso. Mueren en los hospitales inmundos, mueran en las guardias, mueran mientras el médico duerme, mientras alguien reza, mientras los senadores oportunistas ven qué hacen.

Mueran por pibas, porque nos dan miedo, porque desarman las pobres existencias, porque hacen vida cada vez, porque nos recabió. Mueran

mientras el patrullero no llega, mientras los cagones que postean militancia agachan la cabeza por la noche, mientras una amiga grita sola, mientras los ortibas festejan.

Mueran por travas, por estar ahí cuando llevo a mi hijo a la escuela, por la imagen que nos devuelven, por la falopa que les compramos, por la fantasía que nos despiertan. Que mueran por venir de tan lejos, por dejar todo atrás, por ser una vergüenza en la familia, por no pedir perdón¹.

Mas também, há a que se opõe em resistência, que é uma fala deslinguada e de fraturas, uma linguagem de curto-circuitos e interrupções (*Rangiñtulwefü* em mapudungún, isto é, um estar entre, na metade, *rangintulen* ou entre-rios), uma fala de hiatos e corpos mobilizados, em assembleias e na desobediência coletiva. Quais são nossas práticas corporais, nossas ginásticas sexuais e dissidências de sexo-gênero na periferia latino-americana? Quais são nossos imaginários revolucionários, nossas poéticas e experimentos culturais, os processos de mutação somatopolítica e quais são os horizontes de resistência que são possíveis em NossAmérica? Como a cantora e *performer* Linn da Quebrada exclama em *Bixa Preta*:

Bicha estranha, louca, preta, da favela
Quando ela tá passando todos riem da cara dela
Mas, se liga macho
Presta muita atenção
Senta e observa a tua destruição
[...]
Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ
Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ
Bicha preTRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ, TRÁ
[...]
É muito tarde, macho alfa
Eu não sou pro teu bico
Não!²

Se joga com a experiência, com os saberes, com a língua. “Destruir a linguagem”, como escreve Camila Sosa Villada: “a linguagem é minha. É meu direito, me corresponde uma parte do eu. Vou a adoecer, confundir, incomodar, vou a despedaçar e fazê-la renascer tantas vezes forem necessárias”. O gesto como abertura de um canal para a voz, para o uso desviado das palavras e para o corpo, que produz torções que abrem a possibilidade mesma de liquefazer a língua do macho por meio da força de resistência; mas que é, também, um canal de invenção de formas de desejos, gêneros e sexualidades. Guerras na língua, uma fala deslinguada e dissidente, um programa de exercícios de variação de corpos e linguagens como *afirmação de uma possibilidade de vida*, um laboratório de vidas não-fascistas.

¹ Cf. *Mueran por coger*, de Diego Valeriano, em *Lobo Suelto!* (23 jun. 2018).

² Cf. *Bixa Preta*, de Mc Linn da Quebrada (2017).

Leitura necessariamente desviada e justamente por isso, expropriada. Como ressituar Paul B. Preciado na pampa, no sertão, na Patagônia ou na Amazônia? Ou de outro modo, como fazer da farmacopornografia uma caixa de ferramentas que se lê em conjunto com as culturas transviadas amazônicas, com os feminismos mapuches e indígenas, com os orixás e também com as culturas sexo-gênero afro-descendentes? Ou por que não, com as culturas lésbicas dissidentes, com os feminismos indígenas e comunitários, com os saberes populares—religiosos de michês e bixas sul-americanas relidos em sentido inverso e de modo oblíquo, como práticas de contrassexualidade e de sabotagem ao sistema sexo-gênero: a Sarita Colonia, ícone popular travesti do Peru ou a Pomba Gira do Brasil, por exemplo, conhecida como dona da noite, esposa de Lúcifer, rainha das encruzilhadas e esquinas, santa padroeira das putas e travestis. Deste modo, a pergunta é prévia e recursiva, se trata de interrupções e transcrições e não de recepções ou traduções culturais.

Seguindo o espírito antropofágico brasileiro e os múltiplos legados da #ATOA, o que está em jogo é como *deglutir o farmacopoder* à luz de nossas tradições e ancestrais, legados, culturas públicas e arquivos da dissidência. Nomes, categorias e identidades que nomeiam as experiências *sudakas* de *chongas*, *marimachas*, *caminhoneiras*, *bombeiras*, *tortilleras*, *sapatonas*, *travas*, *transexuais* e *travestis*, *putos*, *viados*, *jotos* e *trolos*, *michês*, *mariconcitos*, *viadinhos*, *bixas* e *bichinhas*, *desviados* e *torcidos*. Se trata de uma devoração crítica frente ao mimetismo cultural do cânon *queer* do Atlântico Norte, não havendo, portanto, leituras fechadas nem originais, mas um complexo sistema digestivo em interação. Metabolismo da dissidência *sudaka* que, com suas próprias enzimas, se encarrega de dissolver os elementos euroestadunidenses (a patrística da segunda e terceira onda pós-feminista) para os decompor em fragmentos, selecionar entre eles o que se toma e o que se deixa finalmente assimilar, mastigar e cuspir os elementos selecionados no funcionamento de uma configuração diversa, ou melhor, singular. Deste procedimento de ativa incorporação, insurge o lampejo de um gesto, como aponta o *Manifesto traveco-terrorista* de Tertuliana Lustosa, de que já não se trata de um encontro mas de uma *devoração* regurgitante: “o corpo como arma. A palavra como gatilho. Traveco-terrorismo: terrorismo-saber bélico-poético, político-prostético, ético-hormonal, perspectivo-travesti, tupi-viado, trans-decolonialista, trans-antropofágico, autonomista-autoetnográfico, trava-contramachista, contato-transfilosofia, teoria-putaria. Em tríplice aliança, nossa bomba de efeito moral: corpo-desconformidade-protesto. Para além das construções de vestes, de gênero e de sexo”.

Ou talvez suceda também que não há carne para ser devorada? Não existem elementos europeus e do Atlântico Norte a serem digeridos senão uma opacidade intraduzível (“cuirizar a indigestão: observar como e por que se dissolvem as categorias”), não há antropofagia sexual que funcione, pois as tradições e legados possuem, justamente, outras coordenadas (nem próprias, nem estrangeiras). A nossa é uma história colonial de despojo e expropriação contínua, e daí que a proibição das tradições sexuais está “relacionada à acumulação originária e ao controle econô-

mico sexo-racial das comunidades em Abya Yala”, como aponta Duen Sacchi neste mesmo volume.

Não há, nesse sentido, uma busca pela origem essencial nem por um mito constituinte da dissidência latino-americana, mas sim por diferentes heranças, genealogias possíveis que reconstruam temporalidades contaminadas, gestos políticos do impercível ou do não realizado que traçam linhas de temporalização inacabadas. Assim, as práticas de contrassexualidade e hormonização *copyleft* propostas por Paul B. Preciado se solapam com as teorizações trans e travestis brasileiras, rio-platenses e do sul dos andes (Mauro Cabral, Blas Radi, Lohana Berkins, Indianarae Siqueira, Sara Wagner York, Megg Rayara de Oliveira e Marlene Wayar, a colombiana Brigitte LG Baptiste e as chilenas Claudia Rodríguez e Hija de Perra), o legado estético, a crítica e as culturas plebeias da dissidência sexual (Ney Matogrosso, Reinaldo Arenas, Manuel Puig, Caio Abreu, Copi, Lemebel, Giuseppe Campuzano, Naty Menstrual, Dzi Croquette, Carolina Unrein, Vale Flores, Clodovil, Luiz Mott, Leandro Colling, Batato Barea, Camila Sosa Villada e Susy Shock), e as histórias vivas de resistências coletivas (as putas do porto San Julián na Patagônia, as mães e avós da Praça de Maio, as rebeliões indígenas, os levantamentos de negros e escravos como Caonabo, Tupac Catari, Cuauhtémoc e Juana Azurduy, a desobediência do Movimento Sem Terra brasileiro, as mulheres zapatistas do EZLN e Marichuy do México, dentre outras e outros).

Com efeito, *Metafísicas sexuais* parte de um desvio. No princípio era o arquivo, como aponta Duen Sacchi em *Ficciones patógenas*: “o que é um corpo senão um arquivo, uma novela, uma memória de registros, um catálogo de múltiplos objetos, saberes, de chamados, de genealogias inventadas, de histórias clínicas?”. A partir do arquivo vem a possibilidade do futuro: as memórias e as genealogias torcidas, uma vez mais, se ativam e se conjugam nos tempos esquecidos do movimento LGBT+ *queer* e dissidente, que se convertem em imperiosos e urgentes. É significativo que o cenário em que se mobilize estas heranças e estes desafios seja a abundância de estilo, de forma, de linhagens estéticas que povoam as periferias urbanas como laboratórios *queers* e dissidentes. Cultura trans-lesboviada que fala a língua barroca de Lezama Lima e sua perspectiva caleidoscópica, cultura do excesso, a justaposição e o maneirismo corporal ou o legado neobarroso de Néstor Perlongher, Severo Sarduy e o gesto monstruoso de Osvaldo Lamborghini dirigido a montar a paródia, a carnavalização e a zombaria em um campo aberto de constelações. Proliferação genealógica que bem pode incluir a língua *neocriolla* e a *pan-língua* inspirada por Xul Solar, como um gesto universalista e cósmico, mas também como uma utopia aglutinante em uma linguagem babélica de Abya Yala, espécie de língua bífida de uma multidão *cuir-queer* que está vindo-a-ser.

De novo, as práticas contrassexuais, as multidões *queer*, a farmacopornografia e a sabotagem ao sistema cis-heteronormativo são aqui uma caixa de ressonância para pensar uma época, os múltiplos e diferentes signos do presente. Para disputar os processos de transformação neoliberal em curso, nessa aliança entre capital financeiro e forças reativas neoconservadoras que se auto proclamam restauradoras da família, dos valores nacionais, da linguagem bélica da vingança e do revanche

social. Seria a farmacopédia um elemento decisivo na construção dos imaginários da opressão em NossAmérica? Em outras palavras, quais são os alcances desta caixa de ferramentas no entendimento dos processos de exclusão e desigualdade estrutural que definem, em alguma medida, a paisagem sexual latino-americana? Mais ainda, que deslocamentos e reconfigurações habilitam o entendimento farmacopornográfico a respeito da dinâmica necropolítica do *capitalismo gore* (Sayak Valencia) ou das políticas de violência *snuff* (em termos de Paul B. Preciado) e sua figura paradigmática do cadáver, mas também das diásporas, exílios e dos genocídios (transgenocídio, feminicídio, lesbocídio) no imaginário sexual e cultural da América Latina? Quais são os imaginários emancipatórios que, a partir das experiências *cuir*, dos corpos gordos, das gorduras trans, dos corpos plebéios-populares, gastos e excessivos da dissidência e da contrassexualidade se configuram como laboratórios políticos, alianças imprevistas e espaços de relacionalidade? É possível resistir à violência feminicida, necropolítica ou ao regime de visibilidade *snuff* ao mesmo tempo em que reconstruímos alianças e estratégias sexo-gênero-dissidentes, isto é, apostar-mos pela desnaturalização do sexo, gênero, desejo e dos corpos? E, finalmente, de que modo podemos resistir ao incremento do fascismo pop (Bolsonaro apontando suas armas carregadas), à sensibilidade neoliberal do êxito e otimismo empreendedor, à violência genocida e ao Estado de Exceção permanente (a mutilação ocular durante os protestos no Chile e o golpe de Estado, bíblia em mãos como na Bolívia) e aos mandatos masculinos de crueldade ao mesmo tempo em que apostamos pela ampliação da compreensão e imaginação das formas possíveis de se viver em corpos sexuados?

Outra vez, a proposta de *Metafísicas transviadas. Canibalismo e devoração de Paul B. Preciado na América Latina* começa por um prólogo. Por um texto prévio e de algum modo antecipatório. Mas... quisemos concluir com um gesto bio-cronológico. Há dois anos, entre março e julho de 2018, enviávamos um convite de dossiê a um grupo de colegas, ativistas e amigxs para participar da escrita de um livro que se pretendia coletivo. A inclinação para começar algo entre muitos era o pressuposto e, a partir daí, decidimos apostar pela reverberação de um problema comum, acaso uma urgência social e uma incomodidade política. Retomemos, agora sim, a convocatória:

O propósito do presente volume é, como escrevem em *Caja Negra*, o de promover uma escrita experimental e carregada de afeto que extraia suas formas da íntima proximidade que mantém com os múltiplos entornos latino-americanos. A corrente de eventos que conformam esse arquipélago chamado *nuestramérica* Abya Yala adquirem no último tempo um novo tom (de necropolítica *hardcore*) cujas características parecem pertencer a um registro solapado do analógico e do digital sobre um espaço comum de precarização generalizada da totalidade dxs existentes. As tantas manifestações do presente, em cujo centro as mobilizações feministas, verde-abortistas e da dissidência sexual, da criatividade política e da resistência organizada *cuir* indígena se multiplicam de modo transversal, nos convidam a reconsiderar as categorias com as que temos pensado e agido para com as normas de gênero e os imaginários sexuais, a política e os campos sociais, a arte e os regimes

de sensibilidade. E isso motiva a inventividade de novos conceitos onde as categorias tenham entrado em uma espécie de atraso teórico com relação aos entornos que estamos tentando entender.

E, rumo ao final da escrita e edição destas páginas, em abril de 2020, o que ocorre é uma mudança de cenário. Este texto foi terminado em confinamento, como por uma escrita telepática a quatro mãos, que se deu tanto a partir do bairro de Alberti (Córdoba, Argentina) quanto a partir do bairro Jardim Paulista (Campina Grande do Sul, Brasil), em um estado de imobilidade ascética, dentro de umas poucas paredes em um apartamento urbano, em refúgio compartilhado, com apenas umas poucas saídas ao espaço público exterior. Nos últimos dias, o Coronavírus (COVID-19) entrou em nossas vidas já não como motivo de escrita, como digitação compulsiva ou edição de um texto, mas como um perigo pessoal. Sem contato próximo com os demais, os corpos desaceleram seus movimentos, renunciando finalmente à ação.

E então, “que pode um vírus, que é basicamente um microrganismo que nem sequer está vivo, nos contar sobre as biografias de dissidentes sexuais que, a partir do sul do mundo, imaginam um habitat em que as *reprogramações de gênero* sejam uma possibilidade?”, escrevem Cristeva Cabello e Jorge Díaz. Com efeito, aquilo que coloca em evidência a pandemia do vírus provém do corpo. A pandemia convoca nossas memórias, a pandemia de HIV-SIDA e as tarefas de cuidado como redes constitutivas da trama social, a nossos doentes e mortos por fobias sexuais, mas também as mortes anônimas, sem despedida e sem rito funerário, como as pessoas mortas por COVID-19 que não podem ser veladas. O que ressoa é a memória do Sul, dos desaparecidos durante os golpes e terrorismos de Estado, e as mortes anônimas por HIV. E, também centrais nessa cena, os mais velhos, idosos, a terceira idade, o último lastro da população, são as nossas velhas bixas e as velhas trans, as sobreviventes, hoje transformadas em puros números estatísticos, sem nomes nem memórias, mas que também são nossos legados e genealogias perdidas.

Uma entidade pouco explorada, apenas material genético (DNA ou RNA), o vírus se trata, em qualquer caso, de uma infravida, um umbral abaixo do vivente (algo não-vivo dentro do vivo). Aquilo que se adere às superfícies e se dispersa sem fim, é um agente infeccioso parasitário que só consegue multiplicar-se dentro das células de outros organismos.

E assim, para os povos Huni Kuin (da região do Acre e do leste da selva amazônica peruana), o vírus é parte dos Kaxinawa (*povo morcego*) porque possui *yuxin*, isto é, o poder de transmutar a forma. O que se produz é uma mudança de escalas rumo ao não-humano, entre o microscópico do contágio e o macropolítico da epidemia global. O COVID-19 é uma forma de vida molecular que é capaz de paralisar os sistemas econômicos, a circulação irrestrita do capital financeiro e ao mesmo tempo deixar aturdidos os sistemas técnico-científicos. Não há ímpeto capaz de controlar a sua migração invisível em escala viral. E o que está no horizonte é o contágio global de um organismo nem vivo nem morto em face do qual se revelam diferentes respostas humanas atravessadas por políticas neoliberais.

A situação diferencial e combinada da quarentena é, no mínimo, crítica: quem pode cuidar de si mesmo em um espaço de reclusão e confinamento; quem pode efetivamente acessar ao abrigo e em quais espaços? Como mobilizar espaços de acolhimento e reclusão para quem não possui teto, que vive em situação de rua ou é expulso (como trabalhadorxs sexuais, travestis, putas, indigentes, *homeless*, vagabundxs e afins)? Se a violência feminicida se mantém dentro das próprias casas, então o lar e a casa familiar são lugares seguros? Que outros lugares são possíveis refúgios e abrigos?

Não há vírus nem pandemia que confirme certezas teóricas. Não há uma lição necessária que o vírus nos ensine. Se a sobrevivência de todos está em jogo, então não há lugar para a periferia e os subúrbios, para a desigualdade social e econômica, para quem passa fome e está sem teto pelos bairros populosos, para a divisão sexual do trabalho e a exclusão estrutural. O que está em risco é, precisamente, essa rede orgânica de tecidos entre-espécies (humanas, animais e vegetais) e a interdependência de uns com os outros.

Como um vírus que se espalha através de esporos contagiosos e viaja pelos nossos corpos. Como um vírus, que atravessa nossas subjetividades, mas que, antes que uma ferramenta de paranoia e multiplicação da mecânica necropolítica, torna-se um tecido vivente (ou uma espécie de imunidade hospitalar) e, mais além, um mecanismo expansivo de resistência. *Metafísicas sexuais* busca, justamente, construir um *espaço de crítica entre línguas* que atenda a tradições oblíquas, opacas e duplamente negadas, as memórias do Sul e de NossAmérica: como os negros independentistas do Haiti, somos os filhos bastardos de Toussaint L'Ouverture – “daqui em diante serão conhecidos pela denominação genérica de negros” –, de travestis e michês. Desobedecendo categorias raciais, de mestiçagem e biológicas, sem origens nem lugares primogênitos, o que se busca construir é um tipo de intervenção crítica expandida, de qualidade maleável e elástica, com flexibilidade para receber materiais em diferentes registros e de múltiplas fontes como a filosofia pop, os ativismos feministas periféricos, antirracistas, de gênero e dissidentes, o pensamento sobre a técnica e as artes cênicas, a filosofia *cuir* dos povos originários e as teorizações plebeias populares, a cultura digital e os estudos pós-pornô, com o objetivo de construir máquinas enunciativas, máquinas de guerra, novos mitos e imaginários, um *Inkarri* andino pós-sexual, mas com o objetivo também de elaborar caixas de ferramentas que nos ajudem a ler e intervir sobre as transformações no mundo que nos rodeia e habitamos. E, sobretudo, a sobreviver nele.

Martín De Mauro Rucovsky – Bryan Axt
Córdoba, Argentina – Campina Grande do Sul, Brasil
Abril de 2019 – Abril de 2020